



UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E SEUS SENTIDOS: UM ESTUDO COM TRABALHADORES DE VITÓRIA DA CONQUISTA

José Antônio Santos da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: joseantonioss.info@gmail.com

Rita de Cássia Oliveira Lima Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: rcassialimaa@gmail.com

Daniela Araújo Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: araujosantosdaniela95@gmail.com

2901

INTRODUÇÃO

Mesmo com as constantes transformações sociais e tecnocientíficas, a necessidade de trabalhar em busca da sobrevivência permanece para bilhões de seres humanos (FONTES, 2017). Portanto, o trabalho dotado de sentido pode ser vislumbrado como uma condição imanentemente humana, pois, em comparação com os animais que realizam suas atividades através do instinto, o ser humano tem a capacidade de construir primeiramente o trabalho pelo processo da imaginação (MARX, 2013).

Em face da predominância do neoliberalismo e da incapacidade do Estado e das organizações de assegurarem a geração de empregos decentes para todos, a ideologia do empreendedorismo ganha espaço entre os antigos trabalhadores assalariados e mesmo entre os jovens que buscam seu primeiro emprego. Diante da falta de empregos decentes, todos se transformam em potenciais “empreendedores”, pois seu sentido no neoliberalismo é ampliado para aqueles que assumem riscos e encontra alternativas, mesmo que precárias, em meio aos cenários mais adversos, incluindo os trabalhadores por aplicativos digitais (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021).

Existe uma problematização da questão dos trabalhadores uberizados se enquadrarem enquanto empreendedores, mesmo com a expansão e diferentes sentidos que o empreendedorismo adquiriu ao longo do tempo. Nesse sentido, os trabalhadores por aplicativos não constituem uma classe de empreendedores, pois segundo a leitura de Casagrande; Zamora; Oviedo (2021, p. 14):



Um primeiro critério seria que o uberizado, ao contrário do celetista, necessita possuir as ferramentas de trabalho que, muitas vezes, são confundidas com os meios de produção (como o carro e o *smartphone*). Essa distinção é o que produz muitas crenças de que há um processo de empreendedorismo. No entanto, é importante notar que o meio de produção é, de fato, o aplicativo – o carro é só uma ferramenta de produção. A necessidade de ser responsável pelas ferramentas de trabalho é só mais uma faceta típica da precarização – e não uma faceta de empreender.

Até mesmo a condição de trabalhador autônomo é contestada por Aquino; Pilate; Félix (2020, p. 56) já que “diversamente do autônomo, o trabalhador uberizado não possui qualquer controle sobre o seu trabalho, ele apenas adere a uma plataforma e fica disponível às demandas que lhe forem repassadas pela inteligência artificial [...]”.

Em face do exposto, este trabalho faz parte de um recorte de uma pesquisa monográfica que analisou as condições de trabalho dos entregadores e motoristas por aplicativos de Vitória da Conquista, sendo que o principal objetivo abordado neste resumo foi interpretar os sentidos do trabalho atribuídos pelos trabalhadores digitais a partir da concepção da uberização, no ambiente pesquisado.

METODOLOGIA

Este estudo possui caráter teórico-empírico, pois contextualizou e problematizou o fenômeno da uberização das relações de trabalho através de subsídios teóricos para sustentar os resultados que foram alcançados na pesquisa de campo. Nesse sentido, os pesquisadores buscaram interpelar os sujeitos envolvidos nesse processo para compreender suas características qualitativas e quantitativas, bem como suas percepções e trajetórias, perfazendo o caráter empírico da pesquisa (DEMO, 1995).

O universo da pesquisa consiste na população de entregadores e motoristas que realizam suas atividades profissionais por intermédio de aplicativos digitais no espaço do território do município de Vitória da Conquista. Lançou-se mão da amostragem não probabilística intitulada de “Bola de Neve” ou no inglês *Snowball*, para criar uma rede de informantes que conhecessem indivíduos que compusessem a população da pesquisa, que, sucessivamente, indicaram outros possíveis sujeitos (VINUTO, 2014).

A entrevista semi-estruturada, composta por 30 questões, foi realizada com trabalhadores de duas modalidades ocupacionais, motoristas e entregadores por aplicativos, para compreender os sentidos do trabalho e sua relação com o aspecto das diferentes manifestações do trabalho por plataformas digitais. As entrevistas foram



realizadas pela plataforma *WhatsApp*, no qual os três respondentes enviaram áudios ou textos conforme os pesquisadores enviavam as questões. As respostas dos entrevistados foram transcritas no *Word 2019*. Utilizou-se nomes fictícios inspirado em nomes de cantores brasileiros. Além disso, aplicou-se questionário estruturado de 12 a 21 de agosto de 2021, o qual obteve um total de 62 respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao serem questionados sobre as vantagens do seu trabalho, a unanimidade das respostas foram aspectos relacionados à flexibilidade. Na sucinta resposta de Caetano Veloso “fazer o próprio horário” está presente elementos de uma vontade de ter autonomia e fugir dos horários rígidos dos empregos convencionais. Gilberto Gil vai além e esclarece que pode trabalhar mais em um dia e em compensação trabalhar menos em outro, o que seria mais difícil em um emprego formal. Mesmo não entrando em mais detalhes, Chico Buarque afirma que identifica que “a única vantagem que eu posso citar é a flexibilidade”. A busca pela flexibilidade ao que tudo indica é um dos principais motivos para os indivíduos permanecerem nos trabalhos por aplicativos.

Ao elencarem as desvantagens, os trabalhadores também afirmaram aspectos relacionados ao emprego formal, como na resposta de Caetano Veloso que é “não ter salário fixo”, que certamente dificulta o planejamento no longo prazo, como financiamentos e demais sonhos almejados pelos trabalhadores. Enquanto para Chico Buarque a falta de garantias e direitos trabalhistas são as principais desvantagens apontadas por ele.

Questionados se gostariam de ter carteira de trabalho assinada, os trabalhadores atribuíram sentidos contraditórios, pois reconhecem a necessidade de mais direitos e garantias, ao passo que acreditam que os modelos de negócio que estão inseridos seriam descaracterizados caso houvesse um vínculo formal de trabalho. Somente Caetano Veloso afirmou que gostaria de ter carteira de trabalho assinada em sua atual ocupação. Para Gilberto Gil, deveria existir um enquadramento da sua categoria como um Microempreendedor Individual (MEI) que assegurasse direitos como o recolhimento da previdência social.

Existe um discurso que quem trabalha com os aplicativos é um empreendedor, pois não possui chefe direto e organiza sua rotina de trabalho, podendo ganhar dinheiro à medida que trabalha. Ao serem questionados se consideram-se trabalhador ou empreendedor, as respostas convergiram para que todos se considerassem trabalhadores.

2903



Gilberto Gil, no entanto, acredita que existem pessoas que podem se tornar empreendedoras em seu ramo de atividade, como demonstra com sua fala.

Eu me considerava um trabalhador. Eu comecei com essa ideia de ser empreendedor, mas eu era só trabalhador. Agora, tem motoristas que são empreendedores porque financiam um carro e coloca esse carro para se pagar e acabam ficando com o bem depois. Então, esse eu acho que é empreendedor, mas eu mesmo só fui trabalhador (PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Chico Buarque possui uma visão mais crítica do empreendedorismo pelos aplicativos digitais, uma vez que os algoritmos gerenciam e controla os serviços prestados, essa relação fica bastante evidente em sua resposta.

Eu não acredito muito nessa coisa de “Ah, você vai trabalhar com o que você quer”, não é bem assim que funciona, porque a gente está lidando com tecnologia, não é... eu não estou conversando com pessoas, eu não falei “eu vou trabalhar essa hora”. Existe um sistema que reconhece que eu estou trabalhando, e aí ele me envia o trabalho. Não considero que seja empreendedor. Ah, eu me considero um trabalhador porque mesmo que eu não tenha, por exemplo, hoje, a carteira de trabalho assinada, eu estabeleci um horário, eu tenho uma meta de renda, que eu percebi que não depende só de mim e sim do aplicativo também. Como eu disse sobre as rotas, do algoritmo, que à medida do trabalho vai acontecer conforme a minha taxa de finalização. Então não dá para dizer que é um empreendedor, acho que é mais um trabalhador mesmo (PESQUISA DE CAMPO, 2021).

Diante desse contexto, os trabalhadores entrevistados colocaram resistência ao título de empreendedores, pois sua realidade concreta os afasta de uma relação empreendedora, principalmente pelo controle exercido pelos algoritmos dos aplicativos sobre o trabalho, demonstrando que a temática da uberização do trabalho é um campo aberto para novas investigações que analisem os diversos sentidos do trabalho.

CONCLUSÕES

São ambíguos os sentidos do trabalho atribuídos pelos trabalhadores digitais a partir da concepção da uberização, no ambiente pesquisado, pois existe a consciência de que se trabalha longas jornadas. Mas, ao mesmo tempo, os trabalhadores destacam como positivo que possuem flexibilidade para trabalhar quando querem. A tão buscada flexibilidade e não ter chefes físicos são características muito valorizadas pelos trabalhadores. Contudo, essa relação se esbarra na dinâmica do autogerenciamento subordinado. Mesmo podendo trabalhar em horários alternativos, os trabalhadores estão sujeitos aos ditames e controle dos algoritmos, bem como dependem do imperativo da



sobrevivência diária frente aos aumentos consecutivos dos custos de vida, incluindo a manutenção do próprio trabalho, visto que arcam com todos os custos e riscos das atividades desenvolvidas.

Considerando que a uberização do trabalho é um fenômeno que está sendo amplamente discutido na atualidade, novos estudos que investiguem os desdobramentos da uberização sob diferentes perspectivas, bem como desenvolvidos em distintas áreas do conhecimento e sobre diferentes profissões, é uma alternativa para pesquisadores comprometidos com a temática das relações de trabalho na contemporaneidade.

A *classe-que-vive-do trabalho*, nas palavras de Ricardo Antunes, passa por aceleradas transformações. Portanto, novas formas de organização também são necessárias. A apropriação das redes sociais para difundir a mobilização é uma condição que revela que os trabalhadores também se reinventam, incluindo agentes que anteriormente não se envolviam com pautas reivindicatórias dos trabalhadores, a exemplo de internautas e usuários dos aplicativos. A criação de cooperativas e associações de trabalhadores por aplicativos e precarizados também é uma realidade que está mais presente em diferentes partes do mundo, incluindo experiências brasileiras.

2905

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Informalidade. Neoliberalismo. Precarização.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. V. M. A.; PILATE, F. D. Q.; FÉLIX, Y. S. Uberização do trabalho e os riscos à saúde dos entregadores por aplicativo frente à pandemia da covid-19. **Revista direitos, trabalho e política social**, v. 6, n. 11, p. 46-69, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/aclwJ. Acesso em: 29 abr. 2021.

CASAGRANDE, L.; ZAMORA, M. A. M.; OVIEDO, C. F. T. Motorista de uber não é empreendedor. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 22, n. 2, p. 1-24, 2021. Disponível em: encurtador.com.br/oqC25. Acesso em: 12 maio 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo. Atlas, 1995.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo-Revista do NIEP-Marx**, v. 5, n. 8, p. 45-67, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/ozIJ6. Acesso em: 2 mar. 2021.

MARX, Karl. **O capital. Crítica da Economia Política**: livro 1, o processo de produção do capital. Rubens Enderle (trad.), 1 ed., São Paulo: Boitempo, 2013.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, 2014. Disponível em: encurtador.com.br/dCGIR. Acesso em: 19 maio 2021.